

## Notas do tempo

**S**EMPRE que passo pelo capítulo quarto do Evangelho de S. Mateus, pelos versículos 18 a 22 que registam o chamamento de Pedro e André, Tiago e João, os primeiros Apóstolos, sempre me deslumbra o sim que nem é dito, mas logo facto consumado por eles: deixam os barcos e as redes e os parentes e seguem Quem os chama.

É certo que, se não testemunhas oculares do Baptismo de Jesus, conheciam a Teofania que então se realizou. E depois, André, levado por outro companheiro que ficou anónimo, já O olhara de perto e foi buscar o irmão para que viesse vê-lo, com o argumento: «Encontrámos o Messias». Mas, ainda assim, isto é tão pouco para a prudência humana que exige reflexão, e profunda, para tão radical mudança de vida: deixar o concreto, o experimentado, uma certeza, por modesta que fosse, para seguir Quem?... para quê!..., até onde?...

É certo, também, que estava ali Jesus, visível, contactável, fascinante! Mas estavam eles, carregados da sua humanidade,

com a lógica e limitações próprias dela, as quais haviam de manifestar tantas vezes ao longo do seu discipulado até à morte e Ressurreição do Mestre — e mesmo depois desta — cadeias de que só o Pentecostes viria libertá-los!

É um mistério a resposta daqueles quatro, e a dos outros oito que em breve se lhes juntariam, a qual, segundo a carne nos parece contra-natura e só segundo a Graça a poderemos ir compreendendo super-natura.

Ao longo de dois mil anos de História a Graça iluminou o mistério. Os Apóstolos não foram néscios nem imprudentes. Sabiam em Quem acreditavam. E, justamente, porque apoiados, e só, n'Aquele que os chamara, puderam implantar a Igreja e permanecer garantes da estabilidade d'Ela, apesar das muitas fraquezas dos de dentro e dos repetidos ataques vindos de fora.

Os séculos passados são a prova real da sabedoria deles e um estímulo à distinção necessária entre a prudência humana e a

Continua na página 4



Aí está mais um grupo da nossa Casa do Gaiato de Moçambique.

## Encontros em Maputo

**H**Á quinze dias atrás não me passava pela cabeça estar, neste momento, a escrever de Moçambique. Porém, houve o querer de um amigo que criou as circunstâncias favoráveis. Tinha um secreto desejo de sentir a diferença entre o Maputo de há cinco anos e a actual situação, e parti.

Logo ao aterrar não fiquei desiludido. Havia mais ordem, mais celeridade na resolução dos problemas e quase não existiam os «penduras».

Depois, foi o deixar-me surpreender no dia-a-dia. Mais arrumação nas ruas, mais alguma limpeza. Casas de comércio cheias e, diríamos, que se encontra o que se procura. Abundam as feiras a que poderíamos chamar, por analogia com as nossas, «feiras da ladra», com muita falta de higiene, entulho e montes e, apesar dos nomes pomposos como «complexo comercial» ou «centro comercial» via-se que era mercado pobre para gente muito pobre, embora me explicassem que, por detrás, se encontrava gente poderosa.

O trânsito pareceu-me mais alinhado e, aqueles «chapas» que há anos arripiavam pelas formas acrobáticas como os seus passageiros se posicionavam, deu lugar a uma quantidade de empresas de camionagem que se deslocam em todas as direcções. É melhor não falarmos nos escapes, cha-

pas, pinturas e ruídos... Também muito cabo eléctrico e telefónico foi estendido levando luz e possibilidades de comunicação a muitos lados. Campos semeados procurando normalidade. Entretanto, muita empresa de produção fechada, falta de emprego, Escolas superlotadas e em más condições, e a Saúde muito doente...

Continua na página 3

### MOMENTOS

## Doces instantes

**V**IM ao Tojal estar com os rapazes da Casa do Gaiato de Lisboa.

Era o dia 24 de Janeiro. Celebrava-se em Assis o Encontro dos principais líderes das doze religiões mais seguidas no mundo, sobre a presidência do Papa e a seu convite, para pedirem a Paz a Deus.

Os rapazes também quiseram associar-se e sugeriram que celebrasse com eles.

Tinha ido a Cascais, ao Bairro do Fim do Mundo, ver o caso de dois meninos, a pedido de uma Religiosa, que ali dá a vida aos Pobres.

A casa, numa ilha, tinha só um quarto onde dormiam todos: dois filhos, duas filhas e os pais. Pagando de renda quarenta contos. Uma pequena divisão, sem espaço para lavatório, servia de casa-de-banho e ao canto da entrada estava ainda a televisão. É aparelho que nunca falta em qualquer barraco mesmo o mais miserável. Pode escassear tudo, o mágico *écran* aparece sempre. A miséria puxa miséria e, em certos canais da televisão ela é abundante. Havia, ainda, uma aparelhagem

sonora com dois grandes altifalantes com que o pai se diverte, em grande barulho, apesar do choro da mãe e das arremetidas dos vizinhos.

A jovem mulher sente os filhos a desencaminharem-se.

O marido demite-se de todas as responsabilidades. Manda-a embora de casa, desautoriza-a diante dos pequenos — faz dela um farrapo.

Os filhos, apesar da tenra idade, já não a respeitam.

Que os trouxesse. Que ela saísse de casa com as meninas para servir uma senhora que a aceitava. Que assim se livraria daquele inferno.

Falei das nossas dificuldades, do consolo que é ter os filhos com ela, da dignidade que resplandecia o seu bom aspecto, e da minha comunhão no seu sofrimento. Que estava disposto a ajudá-la.

Quem ama sofre.

É preciso converter o marido. Que mais pessoas se juntem a ela. Que lhe façam ver o bem que é para ele cuidar dos filhos e da esposa!... etc.

Não os trouxe nem dei esperanças, mas vim com a alma amargurada. O choro convulsivo daquela senhora, dominou-me!

Ele há vidas?!... Meu Deus!

— Onde está a paz para esta família? Quem a deve fazer? — perguntava eu aos rapazes — Como devemos cultivar o nosso coração e toda a nossa vida, para amanhã não cairmos em situações semelhantes e a nossa futura casa não seja um inferno; os nossos filhos e mulheres umas vítimas e nós uns falhados?! Como devemos prevenir o nosso futuro agora! — Comecei por aqui a pregação.

A leitura da Palavra de Deus recordava os ciúmes de Saúl por David. O desejo de o matar. O papel do mensageiro da paz, Jónatas, filho de Saúl e próximo de David que conseguiu converter o pai, salvar a vida do amigo e a convivência pacífica e feliz de ambos.

Um exemplo claro e perceptível a todos.

Ninguém pode pedir eficazmente a paz senão a

Continua na página 3

### SETÚBAL

## Inspeção

**A** visita seria honrosa se se tratasse de uma visita...

As nossas portas estão sempre abertas para recebermos quem nos visita. «Somos a porta aberta», para os de dentro e para os de fora. Um rol de consumições nos vêm por causa disso mesmo.

Só que não se tratava de uma visita, mas de uma inspeção. Que crime teríamos cometido para recebermos os senhores inspectores?

O mandato vinha de cima, da hierarquia mais elevada. Tanto pior! Tanto mais sério!

Houve tempos em que os senhores ministros da Nação não mandavam, vinham. Com seus olhos conheciam a realidade e agiam em conformidade.

Perante o «eu não posso prestar contas» de Pai Américo, a resposta de sabedoria do governante não se fez esperar: «Nem deve!» E vieram centenas de contos de réis do Governo, que deram o empurrão à Obra em Paço de Sousa, que Pai Américo quis receber para que os homens o escutassem — impelido pelo céu; confirmado pela terra.

A confiança entre os homens de palavra, era o melhor certificado de garantia, de fidelidade aos compromissos.

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CONTAS 2001** — Como habitualmente, já entregámos as ditas aos órgãos superiores da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Agora, revelamo-las aos nossos Leitores — sustentáculo material da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

Recebemos pel'O GAIATO sete mil setecentos e quarenta e sete contos. Receita diversa, duzentos e quarenta e seis.

Deixámos na mão dos Pobres, em auxílio domiciliário, mil oitocentos e trinta e seis contos. Na farmácia, seiscentos e setenta e três. Reparação de sete moradias do Património dos Pobres e pequenos auxílios a cinco Autoconstrutores, três mil novecentos e nove contos. Cento e noventa e cinco, rendas de casas. Quatrocentos e trinta e um, à Sociedade de S. Vicente de Paulo. Quinhentos e cinco, à Casa Ozanam.

Por tudo, damos graças a Deus.

**VOZ DO PAPA** — Mensagem para o Dia Mundial da Paz:

«(...) A verdadeira paz é fruto da justiça, virtude moral e garantia legal que paira sobre o pleno respeito de direitos e deveres e a equitativa distribuição de benefícios e encargos. Mas, como a justiça humana é sempre frágil e imperfeita, porque exposta às limitações e aos egoísmos pessoais e de grupo, ela deve ser exercida e de certa maneira completada com o perdão que cura as feridas e restabelece em profundidade as relações humanas transtornadas. Isto vale tanto para as tensões entre os indivíduos como para as que se verificam em âmbito mais alargado e mesmo as internacionais. O perdão não se opõe de modo algum à justiça, porque não consiste em ignorar as legítimas exigências de reparação da ordem violada, mas visa sobretudo aquela plenitude de justiça que gera a tranquilidade da ordem, a qual é bastante mais que uma frágil e provisória cessação das hostilidades: consiste na cura profunda das feridas que sangram nos corações. Para tal cura, ambas — a justiça e o perdão — são essenciais. Estas são as duas dimensões da paz que desejo analisar nesta mensagem. O seu Dia Mundial oferece, este ano, a toda a Humanidade, e de modo particular aos Chefes das Nações, a oportunidade de reflectir sobre as exigências da justiça e sobre o apelo ao perdão diante dos graves problemas que continuam a afligir o mundo, entre os quais avulta o novo nível de violência introduzido pelo terrorismo organizado. É precisamente a paz baseada na justiça e no perdão que, hoje em dia, é atacada pelo terrorismo internacional. Nestes últimos anos, especialmente após o fim da guerra fria,

o terrorismo transformou-se numa rede sofisticada de conluios políticos, técnicos e económicos, que ultrapassa as fronteiras nacionais e se estende até abranger o mundo inteiro. Trata-se de verdadeiras organizações, dotadas frequentemente de enormes recursos financeiros, que elaboram estratégias em vasta escala, atingindo pessoas inocentes, de forma alguma envolvidas nos objectivos que se propõem os terroristas. Usando os seus próprios membros como armas para atingir pessoas indefesas, estas organizações terroristas manifestam de modo assustador o instinto de morte que as alimenta. O terrorismo nasce do ódio e gera isolamento, desconfiança e retraimento. A violência atrai violência, numa trágica espiral que arrasta também as novas gerações, herdando elas assim o ódio causador das divisões precedentes.»

**PARTILHA** — Dez mil, do assinante 9898, de Vila Nova de Gaia: «Para o que for preciso. Vai tarde, mas a nossa saúde não permitiu antes. Muita idade e pouca saúde» — disse.

Um cheque, de cem euros, da assinante 20174.

Assinante 31119, de Paço de Arcos, pede «desculpa do atraso no envio da minha obrigação, mas daqui a dias completo 79 anos». Parabéns!

Presença de Avanca, assinante 23312, com 30.000 euros: «Sinto responsabilidade em distribuir alguma coisa que o Senhor pôs nas minhas mãos. O que muitas vezes me falta é disposição para escrever, causada pelos meus 81 anos». É curiosa, a chamada impressa no topo da carta «Coragem! Quanto maiores são as dificuldades a vencer, maior será a glória» — Cícero.

Assinante 40547, da Maia, traz «um bocadinho mais para as prementes necessidades daqueles que recorrem a vós».

Uma caixa de roupa, muito útil, toda bem arranjadinha, qual delicadeza de alma! — de uma leitora de Cavada de Rosas (Arouca). Mais «uma pequenina ajuda» do assinante 9790, de Perosinho. Outro cheque, de euros, duma leitora de Areia — Vila do Conde, «pequena oferta dada com muito carinho para os medicamentos dos mais necessitados».

Ainda mais euros, do assinante 29708, de Coimbra, «para os mais carenciados».

A assinante 14493, do Porto, com «a sua costumada contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

De Refojos, Santo Tirso, destinam as «sobras para as despesas de farmácia de uma viúva idosa».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 63.300 exemplares.



Daniel, o mais pequenino, posa com o Filipe nas escadas do refeitório de Paço de Sousa.

## PAÇO DE SOUSA

**VACARIA** — Algumas vacas foram para o matadouro. A carne será para enriquecer as nossas refeições.

**CATEQUESE** — Entrámos, no novo ano, com o pé direito. Esperamos que tudo corra bem.

**ESCOLA** — Está a decorrer o segundo período. Esperamos que aqueles que tiveram fraco aproveitamento no primeiro período, consigam agora recuperar.

**A NOSSA ALDEIA** — Está mais limpa, com menos folhas. O grupo do Neca tem-nas varrido e apanhado.

Rogério

**DESPORTO** — Os Iniciados fizeram, este ano, o seu primeiro jogo fora de Casa. O nosso destino foi Grijó. Quando lá chegámos, tínhamos alguns directores, bem como o treinador, à nossa espera. Fomos recebidos com carinho. Em conversa com o sr. Pinto, treinador dos Infantis, soubemos que também ele, quando era mais novo, tinha feito um jogo em nossa Casa, contra os mais velhos. Diz que perdeu o jogo, mas marcou um golo. São recordações que ficam para sempre. Parecia um jogo oficial. Altifalantes com música e, na altura própria, anunciaram as equipas. Parece que estou a ver o sorriso do «Carlos Pote» quando ouviu o seu nome.

Foi uma tarde bem passada com algumas pessoas na bancada a baterem palmas às duas equipas.

No que diz respeito ao jogo, não correu mal, embora toda a primeira parte não tivesse sido fácil. Que o diga o «Bolinhas» que fez um bom jogo, assim como o Luís Ângelo, que apesar de ter alguns minutos de desânimo, arregaçou as mangas e disse ao adversário que quem manda naquela zona do terreno é ele. Estavam mesmo decididos a ficar com a vitória.

Logo no começo da segunda parte, saiu o Rogério, que está muito pesado, e entrou o Agostinho. Embora não tenha marcado, deu mais luta e fez com que o adversário deixasse mais espaços livres para que o Abílio, o Fábio e o «Azeitona» se encarregassem de dar a volta ao resultado. Trouxemos a vitória para oferecer aos que tinham ficado em Casa. Para além dos dois galhardetes, ofereceram-nos um prato com o emblema do Grijó, por sinal, muito lindo e que vamos colocar na sala do Grupo Desportivo.

No final do encontro ouvimos um dos atletas do Grijó a dizer aos pais: «Jogam bem e têm lá dois escurinhos que jogam muito! Quem me dera jogar assim». Fiquei contente. Era o Fábio e o «Azeitona».

Satisfeitos, também, ficamos os rapazes com a merenda que nos ofereceram, juntamente com a que já tínhamos levado de Casa. Foi uma farturinha, graças a Deus.

Os Seniores receberam «Os Fiascos» e ganharam. Vieram de Vila do Conde.

No fim dos primeiros quartos e cinco minutos estávamos a ganhar, com golos do «Pião» e do «Turbinas».

Segundo os rapazes mais atentos, o golo do «Turbinas» foi de grande classe.

Embora o nosso adversário fosse um conjunto cheio de

garra e de algum futebol, os nossos não se deixaram levar na onda.

Na segunda parte, apenas com o Ricardinho no banco, não foi fácil aguentar a pressão da equipa adversária que conseguiu reduzir a desvantagem, com alguma sorte. No entanto, com a saída do Bernardino, tendo passado para o seu lugar o Américo, a subida do «Caneco», a entrada do Ricardinho para defesa direito, o «Truta» e o Denis como centrais, conseguiram, com esforço e dedicação, ajudar todos os colegas a guardarem mais uma vitória.

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — Estão a decorrer bem. Os serventes não deixam faltar a massa nem o tijolo aos pedreiros. As paredes do sótão estão quase prontas. As canalizações de águas quente e fria estão, também, quase prontas.

**ESCOLA** — Já começou o segundo período e os rapazes estão contentes. Farão o possível para melhorar as notas do primeiro período. Os que tiveram más notas irão melhorar, com certeza.

**AGRICULTURA** — Já foi feita a poda das árvores e videiras. As terras estão semeadas de erva lameira.

**GADO** — O gado tem-se reproduzido bem. Uma porca acabou de parir uma linda ninhada de leitões — nove. Temos outras porcas «prenhes».

**FESTAS** — Ainda estamos a acertar pormenores. Esperamos que os rapazes, voluntariamente, se ofereçam. Muitos Amigos já perguntaram quando é que vamos às suas terras.

**DESPORTO** — Continuamos a treinar todos os Sábados e Domingos. Precisamos de equipamentos, chuteiras, meias, bolas. Quinzenalmente vamos treinar ao Mirandense.

Repórter X

## SETÚBAL

**CARPINTARIA** — Estamos cheios de trabalho porque precisamos de muitas coisas cá para Casa. Mas é muito complicado por causa das encomendas para fora. Há clientes com pressa. Não dá para fazer tudo ao mesmo tempo.

Carlos Nascimento

**SERRALHARIA** — Agora, estamos a fazer um portão para a lavandaria. A malta tem a mania de mandar a bola à

parede e ela vai, muitas vezes, lá para dentro. Não é bom atirar a bola contra a parede porque fica muito feia, com as marcas de sujidade, mas...

Alexandre Rodrigues

**ANIMAIS** — Já temos muita criação: galinhas, patos, gansos e frangos. O ti Zé teve muito trabalho a levantar as paredes para proteger os animais do frio.

**CAMAS** — Andamos a fazer camas novas para as vacas. Ainda dá um certo trabalho. O Fernandinho anda com a máquina a carregar areia e nós espalhamo-la para elas ficarem mais confortáveis.

**VIAGEM** — O Amândio foi com o nosso Padre Júlio levar uns vitelos, na nossa Ford, para o Calvário. Também levaram fraldas e papel higiénico. À vinda, trouxeram videiras e macieiras, para plantar na Avenida dos Lyons. Tiveram que se levantar muito cedo porque a caminhada foi grande.

**SEMENTEIRA** — As favas que plantámos já estão à vista. A terra fez o seu trabalho, mas ainda vai ter de fazer mais. Por agora, somos nós que vamos tratar dela: regar, arrancar as ervas e sachar as favas.

João Correia

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Voltamos à vossa presença para dar testemunho do nosso trabalho. Cada vez há mais famílias carenciadas e a passarem privações. O desemprego aumenta e os vícios são muitos. Estamos a viver um período perturbado.

As reformas do nossos velhinhos são muito pequenas, para fazerem face às suas despesas, uma vez que na Saúde os medicamentos são muito caros, mesmo compartilhados. Para os velhinhos o Governo deveria arranjar solução; não é só dar o rendimento mínimo, é pôr o pessoal a sair dos gabinetes e a constatar as situações, senão, assim, estão a ajudar, por vezes, muitos que não precisam e os Pobres envergonhados ficam para trás.

Há mais de cinco anos que estamos a aguardar que a Câmara do Porto, arranje uma casa para uma das nossas Pobres que vive num quarto pequeno, com um sobrinho, onde cozinham e dormem — é uma miséria. As assistentes sociais da zona estão sempre a mudar e a senhora, coitada, só ouve promessas. A seguir vamos transcrever um episódio que Pai Américo escreveu, há muitos anos, no livro *O Barredo* e que, infelizmente,



# Setúbal

Continuação da página 1

Hoje nada disto é possível; hoje em quem se pode fazer fé?

Nem já a gratuidade tem valor. Está generalizado o ditado popular que diz: «Quando a esmola é grande o pobre desconfia». Mais, quem se faz «esmola», quem se dá por uma causa nobre em favor do seu semelhante tem de pagar imposto, não em espécie, mas em género.

Quando se estabelece a desconfiança entre pessoas ou instituições, perto está o abismo da ruptura. Só a energia que congrega, que faz concórdia, de que resulta a confiança mútua, pode levar à construção de vida em sociedade.

Inspeccionar, ainda que produza um acto legal, nem sempre corresponde a um modo lícito de agir.

No que nos diz respeito, antes da realidade legal em que nos inserimos, está a origem espiritual que nos chama, nos envia e fortalece a nossa acção. Por tal motivo, não estando acima da lei, estamos antes dela e para além dela — a letra mata e o espírito é que dá vida.

Por isso, gostamos antes das visitas...

O espaço onde vivemos é uma sala de visitas. Nesta experimenta-se tudo: outro escritório, também lugar de oração e reunião, sítio onde por vezes se come e dorme. Quantas vezes chegam os visitantes a nossas Casas e, depois de várias voltas, acabam por esbarrar atónitos: «Onde é que fica o escritório?» Têm dificuldade em entender que o escritório é onde nós estamos, ou não fosse a nossa Casa uma casa de família!

Na nossa vida, há um apelo à generosidade. Mais que o voluntarismo, é a generosidade que nos anima. O voluntário avança por sua iniciativa. Nós avançamos por iniciativa de Outro.

Padre Júlio

# Encontros em Maputo

Continuação da página 1

A nossa Casa: linda como foi sonhada desde o início. Tudo normal: as plantações, a criação de gado, a ordenha, as pocilgas, as cabrinhas e aqueles campos imensos. E, o mais importante, os rapazes: lavados, com boa alimentação, compenetrados das suas tarefas (ainda estavam de férias), ansiando por começar as aulas no dia 28 de Janeiro. Preocupações muitas sobre as saídas profissionais, as Escolas para poderem prosseguir os estudos... Tudo isto é quase procurar uma agulha no palheiro. Muitas pessoas olham, às vezes, para uma Casa do Gaiato como se fosse só de crianças, esquecendo que elas crescem e querem um lugar de dignidade no meio da sociedade. Também por lá se encontram alguns, como em todas as nossas Casas, que, ao terem o estômago cheio, esquecem de continuar a lutar e a trabalhar pela vida para que não se volte ao sítio de onde se veio.

Os anseios continuam. Percebi que estão necessitando de ter um edifício próprio a fim de poderem servir melhor os que se encontram doentes e as doenças ali são constantes. Nos dias em que estive, havia uma média de dez doentes com malária, não falando de outras enfermidades.

À volta da nossa Casa, nas aldeias, o esforço é enorme na promoção da Escola, da Saúde, das pequenas empresas...

Posto isto... Que Deus continue a abençoar Moçambique, o seu povo e todos os que lá trabalham, e que a paz exista para que o povo possa continuar o seu caminho de desenvolvimento.

Padre Manuel Cristóvão

# Momentos

Continuação da página 1

vive. E ninguém a vive se não converter o coração, todos os dias, abafando e impedindo os maus sentimentos que continuamente nascem nele!

Assim abordei o tema da paz naquele fim de tarde!

Os rapazes entendiam e, ouvindo atentamente, facilitavam-me a comunicação.

Mas... o mais saboroso estava-me reservado para o momento da Paz.

— Saudai-vos na Paz de Cristo! — exortei na altura própria.

Voltei-me para a direita e saudei de coração sincero o diácono e os dois rapazes mais próximos do Altar.

Quando dou por mim estava rodeado dos pequeninos que me queriam beijar. Oh doce instante!... Senti-me tão elevado!...

O seu beijo, com a história de cada um, que eu ferido, intuía imediatamente, a própria fragilidade e inocência envolveram-me de tal modo que me senti purificado. Era a presença viva de Jesus a dar-me a

paz da maneira que só Ele sabe dar!

Enquanto os beijava — eram oito ou nove — comprazia-me neste divino pressentimento, concluindo interiormente que nunca me tinha preparado tão bem para a Comunhão.

Ele é a Paz! Mas Ele torna-Se mais sensível e mais vivo no sofrimento de todos e na luta interior de cada um.

O «Macaco» tem a obrigação do refeitório: limpeza das mesas e da sala, mais a colocação dos pratos e dos talheres. É lá que o tenho observado.

É um rapaz de boa aparência e, hoje, não merece nada este apelido.

A obrigação, a responsabilidade e a nossa palavra amorosa têm feito nele muitas melhorias. Já deixou algumas «macaquices» próprias dos seus doze anos estimuladas pelo ambiente que o rodeou antes de vir para esta Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Tem connosco um irmão mais pequeno a quem chamam, talvez por afinidade, o «Macaquinho».

Paramentava-me na sacristia para a Celebração dominical quando o nosso homem se abeira de mim, falando baixinho, a pedir que lhe guardasse o dinheiro que o pai lhe havia dado.

— É para não o perder nem mo roubarem!

Eu preparava-me para realizar, na fé, o mistério da confiança e ela aparecia-me incarnada nas palavras deste menino, mesmo rente à entrada nele.

Era a palavra viva de Deus a lembrar a minha missão específica. Que mereço confiança pela ousadia de uma criança das ruas a quem apelidaram de «Macaco». Mas que salmo de purificação e elevação despertou em mim o gesto do rapaz naquele sublime momento!

Em linguagem bíblica falar-se-ia de um anjo de Deus!

De uma mensagem divina!

Passados oito dias, veio pedir-me o dinheiro para ir lá fora comprar umas coisas com o irmão. Gastou pouco mais do que um euro. Decorridos outros oito, ao Domingo à noite, voltei a interrogá-lo: — Então, hoje, não foste buscar nada?

Resposta pronta:

— Não que aquilo é para se guardar!

Padre Acílio

passados estes anos todos, ainda continuam a debater a Habitação:

«Não vás para a cama sem um exame de consciência muito sério...

Não há nada que mais entre pelos olhos do que o contraste. Ele faz sobressair; ele evita a palavra. Diante do contraste só o silêncio.

Um dos felizes habitantes das nossas casas ficou muito contente ao saber que também ia ter o uso dum pequenino terreno adjacente. E logo me disse os seus propósitos. Ia plantar uma cerejeira, ia plantar uma figueira e também videiras. Os olhos riam-se. A boca falava. As mãos apalparam a casinha que dentro em breve ia ser o seu tesoiro. Eu estava. «Aqui — explica o novo habitante — vou fazer um jardim!» Os Pobres gostam das plantas. Os Pobres gostam dos frutos. Os Pobres amam as flores. Na casa aonde dantes morava, este Pobre tinha dentro de si as mesmas altas e naturais pretensões; tinha sim senhor. Mas não as realizava. Não tinha uma casa. Por amor desta verdade e sem fazer poesia, eu convidado, hoje, todos os portugueses que podem, a fazer na

sua Pátria uma sementeira de plantas, de frutos e de flores. Como? Colocando o Pobre em condições de exercer a sua vida natural. Plantas, frutos e flores. «Aqui vou fazer um jardim».

Não quero dizer que isso seja verdade, mas vistas as coisas pela rama, fica-se com a impressão de que os maiores fazem gosto de alimentar e conservar o Pobre na sua condição, tendo para isso na ponta dos dedos e a toda a hora, o tostãozinho... Erguer não. Ora nós estamos a erguer o Pobre. Melhorar a sua condição. Dar-lhe o uso dum casa.

A estas realidades tão belas e tão humanas, eu quero juntar, hoje, uma pontinha do Divino. Deus existe. Foi o caso que um destes Pobres, morto por sair da casa onde morava, não queria, contudo, ir para longe dela. Rezou. Pediu ao Senhor que tocasse no coração dos homens, depois do que foi pedir aos que tinham terras ali perto, a esmola de uma nesga para implantar uma casa. Isto é Teologia. Pedir a Deus e a seguir veio humilhar-se e confundir-se na presença do seu semelhante. Três disseram que não e um disse que sim. O Pobre foi servido. Está como quer, aonde quer.

Plantas, frutos e flores! Ao pé dos pardieiros que tu aqui vês, se alguma árvore cresce é por força da natureza, que não pela sua mão, muito menos pelo seu amor. Ele não ama. Não tem casa. Suporta a vida e nada mais. Os Pobres!

Pois bem! Não vás, hoje, para a cama sem um exame de consciência muito sério. Se podes e não queres, é um pecado que fazes. Eu fico à espera...»

Este testemunho de Pai Américo é uma lição para todos nós, a nossa Conferência conta convosco.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Assinante 6313, da Régua, com donativo e palavras amigas. Amigo Simões, do Porto, 12.500\$00. Rio de Mouro, um cheque. Amigo Jerónimo, 5.000\$00. M.<sup>a</sup> Henriques Silva, de Lisboa, idem. Assinante 3119, um cheque. Anónimo, 50 euros. Amigo Joaquim Nogueira, de Aveiro, um vale de 5.000\$00. Amiga Edla, de Coimbra, o seu donativo. Sever do Vouga, cheque de 10.000\$00. Amiga Rosalina, vale de 1.500\$00. Maria Gracinda, de Coimbra, dois mil escudos. M. F. Fonseca, cheque de 100 euros.

Vales do correio de M. M. e Sandra. Emília Ferreira cinco mil escudos. Amiga Francelina, um cheque. Assinantes 22801 e 6762, idem.

Bem haja a todos.

Casal Félix

## TOJAL

**FESTAS** — Vamos começar os ensaios para as nossas Festas. Os «Batatinhas» estão prontos e contentes por representarem uma peça muito bonita, ensaiada pelo Armando. Os mais crescidos, porém, guardam segredo.

**VISITAS** — Temos recebido muitas excursões de visitantes e com eles temos realizado bastantes jogos.

**CAMPO** — O Rafael e o José estão a tratar a terra para que a batata possa germinar com maior facilidade e rapidez. Se Deus quiser, vamos ter batata para o próximo ano.

Abílio Pequeno

## DOCTRINA



Para combater o Mal!  
— só o Bem!

**COMECEI** já a tomar contacto com as tocas dos bairros pobres, no Porto, e a escutar histórias dos seus habitantes. Foi jeito que Deus me deu. Preciso de trazer comigo largas munições, não para atacar inimigos, mas sim para consolar estropeados. Quero livros de senhas para os refeitórios das cozinhas da Legião. Espero receber livros de senhas na volta do correio. Tenho de responder à confiança de aqueles *estrangeiros* que fielmente me procuram quando passo nas ruas deles, intra-muros da cidade. Tenho pena, sim, de dar espectáculo e ser notado, mas se não posso remover este mal, não quero, por causa dele, deixar de fazer bem. Sim, fazer bem a ti, distribuindo o que me confias.

**DE** uma vez, acompanhava eu um ex-condenado à estação, a quem ia dar bilhete para a sua terra natal. Tinha sido lá dentro e era cá fora um revoltado. Passa um senhor e mete nas minhas as mãos dele: — *Tome para os seus rapazes. Abri. Mostrei: 500\$00.*

— Quem é?  
— Não conheço.  
— Quê?!

**NÃO** sei quem é. Tínhamos falado vezes sem conta, dentro da Penitenciária. Eu tinha a desgraça de ser padre, a pior recomendação para o melhor dos homens. Nunca me quis escutar! — *Agora, sim, bom padre, é que vejo e que sinto!*

**FAZ** uma breve pausa. Põe os olhos no chão e daí a nada irrompe: — *Pois não tenho o direito de ser mau, se ele há no mundo gente tão boa!*

**DEIXA-ME** ser o despenseiro fiel dos teus dons. Nem só quem leva a sopa fica contente; também fica quem a vê dar. Para combater o Mal — só o Bem!

*D. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

## BENGUELA

## Dar a mão

**Q**UANDO estamos diante dos Pobres, que o são de verdade, apodera-se de nós o sentimento de indignidade perante a grandeza escondida por detrás dos sinais do corpo ou da roupagem. Servos dos Pobres é o mesmo que servos do Senhor. «Felizes os olhos que vêem o que estais a ver...» Porque não vemos ou não queremos ver, não somos tão felizes quanto podemos ser. Dar a mão ao que dela necessita é deixar-se prender por Jesus Cristo e ficar livre para voar, à maneira dos passarinhos que não semeiam nem ceifam... mas não lhes falta o necessário. Quem me dera ser assim! Quem dera todos fossem assim!

Só pelo facto de serem pessoas têm o direito de ser amados. Todos têm esse direito. Mas os Pobres estão em primeiro lugar. Fala-se muito na «Opção pelos mais Pobres», como caminho seguro para a renovação da sociedade. A Igreja pensa deste modo. Em muitos campos dá testemunho de que assim é. Com certeza é preciso mais. A sociedade eleva-se quando os seus membros têm o necessário para viver dignamente. Ninguém deve fugir à sua responsabilidade. Cada um tem a sua quota parte neste processo grandioso a favor da dignidade das pessoas. Quanto heroísmo escondido na acção da mãe que, além dos filhos do seu ventre, guarda mais três filhos de sua irmã, que morreu na guerra! Estes heróis não têm

conta por Angola fora! Dão uma família e um lar aos que, doutro modo, iriam viver na rua.

Somos testemunhas da generosidade sacrificada de todos os que tornam possível a nossa caminhada, de cabeça erguida, dando a mão ao que está prostrado no caminho da vida. Chegou, ontem, num carrinho de mão — a ambulância mais acessível — com uma perna fracturada, em estado deplorável. Bateu-nos à porta para o levarmos ao hospital de Benguela. Vinha de Luanda, em camião, e a coluna foi atacada no caminho. Uns morreram, outros conseguiram fugir para o mato. Este rapaz, com a perna partida, ao fim de alguns dias, consegue chegar a casa de familiares. Bem poderiam seguir direitinhos ao hospital, mas não tinham confiança no bom acolhimento. Era preciso dinheiro para tudo, desde o cirurgião até ao material usado na operação, que era urgente. Não tinham dinheiro. Demos-lhe a mão. Foi acompanhado até ao fim. Esperamos que esteja salvo. Quantos casos assim!

Há programas específicos para combater a pobreza imerecida, nascidos de reuniões de alto nível. Em Angola também. As intenções são boas, com certeza. Estamos, contudo, diante de uma montanha tão alta que não sabemos como chegar ao cimo. A pobreza combate-se com um coração pobre. Este salto é muito difícil de dar! A afirma-



Dia lindo do Baptismo de dezassete gaitatos, na nossa Casa de Benguela (Angola).

ção vale para todos, desde os altos responsáveis pela coisa pública e os altos responsáveis pela riqueza do país, mais as forças intermédias e a colaboração do povo, em geral. Não é verdade que os países chamados ricos estão cada vez mais ricos? E assim há-de continuar a ser, enquanto as forças motoras da economia não agirem também com o coração solidário. A verdadeira riqueza dum povo nasce da partilha e cimenta-se na solidariedade. Não há desenvolvimento integral sem esta. A glória da Nação está em viver de mãos dadas.

A situação desastrosa em que vive a maior parte da população, em Angola, não resulta apenas da guerra que tem, sem dúvida, um papel determinante. A falta de partilha dos detentores da riqueza do País com a população anónima também é determinante. Descendo à vida do dia-a-dia, como justificar a inflação galopante que pesa sobre a alimentação de base da população? Alimentação tão simples e tão cara! É um terreno muito difícil de desbravar. Acabei de ouvir a notícia de que a inflação ia baixar. Que assim seja!

Padre Manuel António

**P**ARTIU para a Eternidade no dia 16 de Janeiro. Tinha 25 anos. Aos 12, a orfanidade de pai alterou completamente a vida deste rapaz: A mãe ficou mentalmente perturbada sem conseguir tratar os seus quatro filhos menores. Os dois mais velhos foram viver com uma avó, idosa e doente; e os mais novos encaminhados para a adopção. Tendo-se agravado a situação familiar, o Jorge veio para a Casa do Gaiato e o Pedro para o Pina Ferraz, de Penamacor.

Tinha 12 anos quando a doença lhe bateu à porta. Foi-lhe diagnosticado um tumor cerebral. Operado nos HUC, em Coimbra, fez uma recuperação assinalável mantendo, inclusivé, um bom nível de classificação escolar. Em 1992 terminou o 9.º ano de escolaridade. Veio, então, para nós, a pedido do Pina Ferraz, com matrícula para o 10.º ano que ainda veio a frequentar na Cooperativa de Ensino de Coimbra.

A doença foi mais forte e afecções físicas várias, principalmente psíquicas, fizeram do desânimo o seu companheiro mais próximo. Entregou-se a «ele» sem grande melhoria. «Pedro, tu és capaz...» — ouvimos algumas vezes dizer-lhe o médico que o acompanhava. Mas a alegria de viver e o ar sorridente, feliz, que as suas fotos de adolescente mostram, fugiram sem regresso.

Entre nós e a Associação — entidade que partilhou connosco a orientação do seu destino, nestes últimos

## TRIBUNA DE COIMBRA

## Pedro Miguel

tempos — procurámos sugá-lo à melancolia e à solidão que nele se instalou... Mas o seu mundo tornou-se diferente do nosso. Aparentemente afastava-se de nós, mas sentíamo-lo carente e sensível. Nos últimos tempos, por sua vontade e por nos parecer uma solução mais humana, passou a viver na Associação, onde desempenhava algumas tarefas condizentes ao seu estado de saúde. A nossa visita sensi-

bilizava-o. Sem nada dizer, como era seu costume, à proposta de uma visita à Casa do Gaiato, dava logo um assentimento imediato. A última foi na véspera do Natal. Passou a tarde connosco. D. Rosária já lhe tinha preparado o saco das suas prendas que ele aconchegou sempre a si. À noite, rezou o Terço connosco, como era seu costume, no seu cantinho... Depois, consoou, na mesa dos senhores,

com os rapazes mais velhos e, creio, até bebeu champagne para surpresa de todos. O seu silêncio foi a sua última despedida. Na manhã de 16 de Janeiro veio telefonema a dar a notícia da sua morte com a recomendação: «Vocês foram sempre a sua família...» Cá o velámos durante a tarde e noite. No outro dia, de manhã, rezámos, celebrámos e recordámos os vários «colos» que o acolheram na sua breve passagem por este mundo. O seu corpo desceu à sepultura onde estivera sepultado o nosso Diamantino. Que ambos estejam na Luz e na Paz dos Justos, pedindo por nós.

Padre João

## Notas do tempo

Continuação da página 1

*Prudência Sobrenatural que não nega nem suprime aquela mas a transcende. «Tanto quanto os Céus estão acima da Terra, assim os pensamentos de Deus estão acima dos dos homens». A sabedoria destes consiste na decisão de fazer tender os seus critérios para os d'Ele*

*na procura de uma sintonia que consumará a instauração do Reino de Deus na cidade dos homens. Felizes os que vão por este caminho, obreiros da Justiça e da Paz!*

*Jesus começa com estes Discípulos a Sua vida pública. O anúncio do Reino e da Sua Justiça é Obra da rua. Ele não tem morada certa nem sede para Se reu-*

*nir com os homens a fim de lhes levar a Salvação. É Ele que vai ao encontro deles com a Palavra que os ilumina e o gesto libertador de males que os afligem. Preguar e curar são os verbos da Sua acção.*

*Aos doze que formalmente chamou, foram-se juntando muitos outros discípulos que O seguiram de perto com mais frequência, muitos dos quais foram testemunhas da Sua Ressurreição e se fizeram eco da Sua Palavra. A rua foi o lugar da Evangelização operada directamente pelo Senhor.*

*Às vezes, atentando na nossa vulgaridade, no ho-*

## Segundo volume do livro «Calvário»

A nossa gente cumpriu a previsão: na semana de 14 a 18 de Janeiro despacharam, via correio, o segundo volume do livro *Calvário* para os assinantes da nossa Editora.

Agora, no sector gráfico, já prepararam a chapa dos *postais RSF (resposta sem franquia)* que seguirão, também, pelo correio, na edição do próximo número d'O GAIATO. Aqui, prevaleceu a ideia dos responsáveis pelo sector administrativo do *Famoso*: — *Tem acontecido expedirmos os postais imediatamente e, por isso, pessoas há que recebem a encomenda duas vezes...!*

Deste modo, os assinantes poderão actualizar melhor as obras da nossa Editora.

Tem chegado correspondência diríamos *fume-gante*, a propósito da *novidade*. Amigos que não dispensam comentários d'alma cheia, estímulos para quem se dedica a servir nesta «seara imensa do trigo e do joio» — diria Pai Américo.

Por exemplo, passa aqui pelos nossos olhos pecadores um cartão dum Senhor Bispo, do nosso Episcopado, que afirma:

«Saúdo com muito apreço a Obra da Rua, os *Padres da Rua*, e agradeço o *Calvário*. Tendes tanta riqueza semeada dia-a-dia, na alma desses rapazes e doentes, que vale a pena dá-la a conhecer.»

Há muitas outras missivas, ricas de todos os pontos de vista, que publicaremos oportunamente.

Júlio Mendes

## PENSAMENTO

A compaixão não sofre que os mais sofram sozinhos.

PAI AMÉRICO

mem «repleto de misérias» que somos; e atentando também na sedução que a Obra da Rua provoca em tanta gente — penso que o sabor evangélico que lhe encontram, tem razão de ser, justamente, na semente dela com o que foi a vida pública de Jesus; e

pergunto-Lhe: — Porque não vens, Senhor, como naquele tempo, chamar pescadores, com tão profundo impacto<sup>3</sup> que eles deixem, sem mais considerações, o barco e as redes e aceitem tornar-se pescadores de homens?!

Padre Carlos